



VIDAS EM MOVIMENTO E DESLOCAMENTOS DA CLÍNICA: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS GESTÁLTICAS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO

VIDAS EN MOVIMIENTO Y DISLOCACIONES DE LA CLÍNICA: EXPERIENCIAS
Y PRÁCTICAS GESTÁLTICAS CON PERSONAS EN SITUACIÓN DE REFUGIO

LIVES IN MOVEMENT AND CLINIC DISPLACEMENTS: EXPERIENCES AND
GESTALT PRACTICES WITH PEOPLE IN REFUGE SITUATION

Laura Cristina de Toledo Quadros¹

Nicole Velloso de Oliveira²

Gabriela Nery Reynaud Schaefer³

RESUMO: A proposta desse artigo é discutir os desdobramentos de uma pesquisa-intervenção, “Vidas em movimento: refugiados, sofrimento psíquico e reinvenções do cotidiano – um estudo na abordagem gestáltica em articulação com a teoria ator-rede” desenvolvida numa universidade pública do Rio de Janeiro na qual acompanhamos o fenômeno das migrações a partir do atendimento e acolhimento psicológico a pessoas em situação de refúgio. Inspiradas na clínica gestáltica, buscamos arranjos possíveis para um cuidado integrado que considere as singularidades e peculiaridades das diferentes culturas e situações que acolhemos. Nesse sentido, desenvolvemos o que chamamos de uma clínica do possível e das possibilidades, ajustando enquadres e modos de intervir que favoreça o processo psicoterápico considerando as circunstâncias do refúgio, bem como criamos dispositivos de cuidado que ampliem nosso alcance de atuação. Os impactos desse trabalho incidem tanto nas pessoas atendidas quanto nos estagiários de psicologia em formação, fazendo desta uma experiência coletiva de construção do conhecimento, aprendizados e prática de cuidado.

PALAVRAS-CHAVE: Refúgio; Gestalt-terapia; Teoria Ator-Rede; Cuidado; Migrações.

RESUMEN: El propósito de este artículo es discutir los desarrollos de una investigación-intervención, "Vidas em movimento: refu-giados, sofrimento psíquico e reinvenções do cotidiano - um estudo na abordagem gestáltica em articulação com a teoria ator-rede" desarrollado en una universidad pública de Río de Janeiro en el que acompañamos el fenómeno de las migraciones desde la atención psicológica y la acogida a personas en situación de refugio. Inspirados en la clínica gestáltica, buscamos posibles acuerdos para una atención integrada que tenga en cuenta las singularidades y peculiaridades de las diferentes culturas y situaciones que acogemos. En este sentido, desarrollamos lo que llamamos una clínica de lo posible y de las posibilidades, ajustando marcos y modos de intervención para favorecer el proceso psicoterapéutico considerando las circunstancias del refugio, así como creando dispositivos de atención que amplien nuestro campo de acción. El impacto de este trabajo afecta tanto a las personas atendidas como a los estudiantes de psicología en formación, convirtiéndose en una experiencia colectiva de construcción de conocimiento, aprendizaje y práctica asistencial.

PALABRAS CLAVE: Refugio; Terapia Gestalt; Teoría del Actor-Red; Cuidados; Migraciones.

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the developments of a research-intervention, "Vidas em movimento: refu-giados, sofrimento psíquico e reinvenções do cotidiano - um estudo na abordagem gestáltica em articulação com a teoria ator-rede" developed in a public university in Rio de Janeiro in which we follow the phenomenon of migrations from the psychological care and reception of people in situations of refuge. Inspired by the gestalt clinic, we seek possible arrangements for an integrated care that considers the singularities and peculiarities of the different cultures and situations that we welcome. In this sense, we develop what we call a clinic of the possible and of possibilities, adjusting frameworks and modes of intervention that favor the psychotherapeutic process considering the circumstances of the refuge, as well as creating care devices that expand our

¹ Professora do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Coordenadora do PPGPS/UERJ. lauractq@gmail.com

² Graduanda do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Estagiária de Iniciação Científica. vellosonicole@gmail.com

³ Graduanda do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Estagiária de Iniciação Científica. gabriela.schaefer1@gmail.com



scope of action. The impact of this work affects both the people assisted and the psychology interns in training, making this a collective experience of knowledge construction, learning and care practice.

KEYWORDS: Refúgio; Gestalt therapy; Actor-Network Theory; Care; Migrations.

1 VIDAS EM MOVIMENTO: UMA REALIDADE CADA VEZ MAIS ATUAL

A proposta desse artigo surge como desdobramento da pesquisa–intervenção “Vidas em movimento: refugiados, sofrimento psíquico e reinvenções do cotidiano – um estudo na abordagem gestáltica em articulação com a teoria ator-rede”, ainda em curso, iniciada no final de 2017, com apoio de bolsa PIBIC UERJ, de 2018 a 2020. Buscamos acompanhar o fenômeno da migração no cenário contemporâneo a partir da/os própria/os protagonistas, as pessoas em situação de refúgio, considerando tanto a experiência de sofrimento psíquico quanto os arranjos possíveis criados por elas a fim de suportar as perdas inerentes a esse movimento tão dramático e ao mesmo tempo tão vital para tantos. Relembrando o termo refúgio, vimos que é definido como “lugar para onde se foge para escapar a um perigo; asilo, retiro” e também como “aquilo que serve de amparo, de proteção”.⁴ Podemos, então, constatar que o termo carregava em si uma tensão, um duelo entre o perigo e a proteção em nome da sobrevivência, uma circunstância difícil de se imaginar pelas urgências e rupturas envolvidas nesse processo. Assim, as migrações em geral são forçadas por situações extremas, levando a pessoa a deixar repentinamente parte da sua história para trás.

Nesse sentido, as migrações internacionais expõem as pessoas a situações de sofrimento, ainda que em nome da sobrevivência. Abrir um espaço onde a escuta e a livre expressão sejam as protagonistas desse processo, pode criar condições para a reconfiguração dessa experiência. Acolher, reconhecer e validar a vivência das pessoas em situação de refúgio cria um caminho para o conhecimento dessa realidade e a possibilidade de a compreendermos a partir de seus protagonistas.

Durante esses anos, desenvolvemos uma linha de estágio no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) no Instituto de Psicologia da UERJ, em parceria com a Cáritas (entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos ligada a Igreja católica, uma instituição que faz um trabalho pioneiro de assistência aos refugiados no Rio de Janeiro) e também nos articulamos à Cátedra Sérgio Vieira de Mello (Cátedra que visa promover a educação, pesquisa e extensão acadêmica voltada a população em condição de refúgio é um dos objetivos da Agência da ONU para Refugiados - ACNUR) na UERJ.

⁴ Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 01 abr. 2018.

Reconhecendo as peculiaridades desse campo e a oportunidade de construirmos modos de intervir que possam reconhecer e legitimar as necessidades e os afetos experimentados pelas pessoas em situação de refúgio, compreendemos que a pesquisa nos trouxe subsídios fundamentais para a compreensão e, conseqüentemente, proposição de ações inclusivas e de acolhimento às demandas emocionais, afetivas, bem como criar condições para a expressão livre e a apropriação da multiplicidade de histórias que compõe esse coletivo.

Para nossa prática no SPA, contamos com uma equipe de estagiários multilíngue (inglês, francês, espanhol, além do português) e realizamos atendimentos clínicos na abordagem gestáltica, uma clínica de inspiração fenomenológica que compreende a pessoa de forma não determinista, considerando suas potencialidades e capacidades para estar no mundo em relação. Consideramos esse não apenas um exercício de uma clínica ampliada, mas também uma construção de possíveis, uma reinvenção do cotidiano nas práticas de intervenção desdobradas em reconfigurações nossas e também dessas pessoas que deixam suas pátrias para buscar novos modos de viver. Temos vivenciado um processo de descobertas, aprendizados e afetações mútuas onde tanto o sofrimento quanto a potência de vida são expressas, acolhidas e respeitadas em suas formas.

Desse modo, a prática aqui proposta se faz numa parceria com o intuito de criarmos melhores condições para suporte de uma experiência de sofrimento extremo que se desdobre em potencial de saúde e possibilidades de viver, para além do sobreviver. Ao atuarmos com a dimensão sensível da experiência, articulamos ciência e vida numa totalidade indivisível, e desenvolvemos uma prática clínica a partir do que encontramos no campo do vivido.

Nos últimos anos a movimentação de povos tem aumentado pelo mundo e, atualmente, estima-se que haja cerca de 272 milhões de migrantes internacionais transitando pelo mundo.⁵ Especialmente no Brasil, ainda há pouco material de pesquisa e ações sensíveis dedicadas a essa causa e, nesse sentido, consideramos pertinente abordar esse tema que nos aponta diversas possibilidades. Como em qualquer situação em que há ameaça a vida, aos direitos humanos e à sobrevivência em geral, olhar para as condições materiais de vida torna-se uma urgência que faz escapar, por vezes, os aspectos mais delicados dessa realidade. Porém, uma vivência tão radical como essa nos exige um olhar múltiplo, um olhar de integração de saberes em prol de uma realidade cada vez mais dramática e presente em nosso tempo. Segundo Lussi:

⁵ Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra_RELAT%C3%93RIO_ANUAL_2020.pdf internacionais-calcula-onu/. Acesso em: 08 out. 2020.

Respostas de políticas públicas aos desafios das migrações e do refúgio devem ser: inter-disciplinares, integradas, contextualizadas, capazes de reconhecer e assumir a complexidade que o tema requer, sem simplismos. Um protocolo de atendimento de uma população migrante pode não corresponder ao perfil de outra comunidade ou outro fluxo no mesmo território. Origem, condições das relações bilaterais entre países de origem e de destino, história e cultura dos povos que se encontram através de deslocamentos populacionais, situações pessoais ou socioculturais contingentes do momento em que o fator migratório acontece, momento histórico em que a política é pensada ou decidida, fase do projeto migratório em que a pessoa ou o grupo se encontram, entre tantas outras variáveis, incidem de modo determinante nas condições, potencialidades e exigências de políticas adequadas de acolhida e de integração nos países de imigração. (LUSSI, 2015, p. 142).

Assim, consideramos que a psicologia pode trazer contribuições interessantes para esse campo de estudo uma vez que abrange aspectos subjetivos inerentes a experiência que transcendem a materialidade. A articulação que propomos entre a abordagem gestáltica e a Teoria Ator-Rede nos permite tanto um alcance da dimensão sensível da experiência quanto suas reverberações no coletivo, uma vez que nos desloca de uma intervenção predominantemente individualizada e interiorizada para um compartilhamento que potencializa uma rede de suporte que nos aproxima de nossa humanidade.

O fenômeno das migrações não pode ser compreendido de forma simplificada por apresentar peculiaridades e envolver pessoas que trazem suas histórias, diferentes culturas, expectativas, traumas e necessidades. No Brasil, no que tange as políticas públicas para esse segmento, ainda há muito a ser feito e trazer esse tema para a universidade cria uma oportunidade de compreensão mais ampliada daquilo que parece ser um dos grandes desafios políticos e sociais da atualidade. Não é possível fechar os olhos para os desdobramentos que esse grande deslocamento humano produz. São vidas em movimento em direção à rumos involuntários que trazem impactos em todas as esferas e exigem reflexões para a formação de conhecimento:

Todas essas constatações a respeito dos movimentos migratórios internacionais a partir de e para o Brasil indicam fortemente a urgência de tratamento de uma problemática emergente que demanda análise, entendimento e monitoramento. Isso significa reformulação e ampliação das políticas e ações frente à nova situação, para alterar seus pressupostos, tomar em conta as especificidades dos fluxos e dos grupos sociais envolvidos, defender os indivíduos de atravessadores, ampliar seu escopo para dar conta dos direitos humanos dos migrantes e suas famílias. Sob a égide da Conferência sobre Direitos Humanos, o tratamento dos migrantes internacionais circunscreve-se no âmbito da articulação entre soberania nacional, democracia, direitos humanos e direitos ao desenvolvimento. O desafio consiste em transformar os compromissos assumidos internacionalmente em programas e práticas sociais condizentes com a articulação proposta – síntese das contradições, conflitos e antagonismos intensificados neste início de século. A migração internacional, que é a contrapartida populacional desse contexto globalizado, representa hoje a transformação da herança alvissareira do século 20 e um grande desafio para o século 21. (PATARRA, 2005, p. 31).

Considerando especialmente o campo da psicologia, a pesquisa acadêmica tem como função primordial construir conhecimentos em interface com os acontecimentos que emergem na vida. Assim, nesse cenário das migrações e direitos humanos, interessa-nos a possibilidade de constituirmos uma intervenção que se construa *com* esses atores e não *sobre* eles. Segundo Moraes (2010), devemos tomar nossos pesquisados não como elementos passivos, mas sim como sujeitos potentes e capazes de produzir efeitos na rede tecida na pesquisa. A pesquisa, então, se faz num campo de afetações reavivando o caráter dinâmico desse intervir. Daí nosso interesse em partir das narrativas dessas mulheres em situação de refúgio, considerando-as detentoras de seu próprio processo.

Em nossas práticas *psi*, onde articulamos a abordagem gestáltica e a Teoria Ator-Rede tanto na pesquisa, na clínica quanto em situações extrema, a escuta de histórias é, ao mesmo tempo, nosso ofício e nosso desafio. O que fazemos com tantas histórias? Que responsabilidades elas nos trazem? Podemos acreditar que há apenas uma versão, uma possibilidade que seja universal? Da pesquisa à clínica, as histórias são processos vivos que, muitas vezes, transcendem fatos e constroem desvios que nos provocam deslocamentos.

Uma história não é estática, e nosso propósito é também um caminho de multiplicação. Escutar e atualizar histórias percorrem nossos modos de existir e animam nossas práticas. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2012) nos alerta acerca dos perigos que uma única história pode trazer, promovendo tanto o reducionismo quanto o apagamento das marcas, das diferenças e riquezas que cada mundo traz. Pensar que o mundo é feito de histórias como nos afirma Eduardo Galeano (2012) nos convida a refletir como lidamos com tantas e diferentes histórias que nos atravessam e conectam-se às nossas próprias histórias.

As migrações internacionais expõem as pessoas a situações de sofrimento, ainda que em nome da sobrevivência. Abrir um espaço onde a escuta e a livre expressão sejam as protagonistas desse processo, permitir que a pessoa nos conte livremente a sua história, pode criar condições para a reconfiguração dessa experiência e dar melhores condições para integração social e preservação dos direitos humanos, pois:

Elenca-se, brevemente, dentre os fatores causais das migrações internacionais, a crescente vulnerabilidade por que passam as pessoas que migram, as quais encontram maiores dificuldades para a própria integração nas sociedades de acolhida e se convertem em vítimas de violações dos direitos humanos como discriminações, situações de escravidão e tráfico de pessoas. (D'OCO; DIAS, 2016, p. 32).

Acolher, reconhecer e validar a vivência das pessoas em situação de refúgio cria um caminho para o conhecimento dessa realidade e a possibilidade de a compreendermos a partir de suas/seus protagonistas. Nesse sentido, a nossa proposta se faz numa parceria a fim de criarmos melhores condições para suporte de uma experiência de sofrimento extremo que se desdobre em potencial de saúde e possibilidades de viver, para além do sobreviver.

2 UMA PRÁTICA EM FEITURA: A CLÍNICA DO POSSÍVEL E DAS POSSIBILIDADES

Nossa abordagem clínica de referência é a abordagem gestáltica, uma abordagem clínica em psicologia de inspiração fenomenológica- existencial que entende a pessoa de forma não determinista, considerando suas potencialidades e capacidades para estar no mundo em relação. Como nos alerta Amatuzzi (2001),

Uma das coisas que caracteriza uma psicologia de inspiração fenomenológica é a importância dada ao vivido. Acredita-se que muitas vezes ele seja melhor guia para nossas ações concretas e para nossos pensamentos do que concepções ou ideias construídas mais ou menos artificialmente. (AMATUZZI, 2001, p. 53).

Segundo Prestrelo e Quadros (2009), a abordagem gestáltica traz como fundamento a ênfase na experiência consciente subjetiva, o olhar para a sensorialidade, mobilizando o sofrimento que transcende a palavra, resgatando a dimensão sensível e privilegiando o sentir mais do que o explicar. Ao articularmos essa abordagem clínica à Teoria Ator-Rede, buscamos parceria de ideias que nos permitam desenvolver uma clínica ampliada que se desloque de uma individualidade para o coletivo a partir do compartilhamento de histórias, além de formar laços que se constituem a partir da presença e interesse pelo outro.

Discorrendo acerca de suas práticas grupais apoiadas na abordagem gestáltica, Prestrelo, Araujo, Moraes e Marques (2016) ressaltam a importância do cuidado em sua singularidade como dispositivo que se faz numa rede de ações e intervenções. Para as autoras,

Nas ‘oficinas de cuidado’ acreditamos, assim como Mol (2008) que o cuidado não pode ser algo padronizado, é algo que se constrói nas relações, não pode ser algo dado ‘a priori’, daí precisarmos estar com o outro, acolher o que é dito, expresso no corpo, pensado, sonhado, para efetivá-lo – e o dispositivo de oficinas grupais se constitui em excelente ferramenta de trabalho para isso. (PRESTRELO; ARAUJO; MORAES; MARQUES, 2016, p. 95).

Portanto, atuamos tendo como premissa uma escuta que não universalize as histórias embora as compartilhe no espaço coletivo. Esse é um aspecto que consideramos o grupo como um dispositivo de intervenção importante, embora trabalharemos também com entrevistas e acolhimento individuais a fim de criar espaços possíveis para as diferentes demandas que emergem nesse campo.

No rastro de V. Despret (CHAUVENET; DESPRET; LEMARIE, 1996), consideramos fundamental compreender a delicadeza de cada processo. A autora nos traz uma provocação quando propõe a “Terapia dos espaços brancos”⁶ (p. 159). Na experiência que ela descreve, o acompanhamento de famílias dentro de um campo de refugiados da antiga Iugoslávia, o programa de ajuda humanitária a ser implementado sofreu interferências a partir da realidade vivenciada tanto pelos profissionais quanto pelos refugiados que habitavam o campo. Despret compreende essa proposta como uma experimentação que permite o surgimento de novas práticas da/na singularidade de cada situação onde podem ser criados novos dispositivos terapêuticos.

Os espaços em branco são igualmente os espaços no seio do qual podem se exprimir dois movimentos de resistência: a resistência das famílias à terapia tradicional, mais igualmente, a resistência dos interventores⁷ ao enquadre terapêutico (CHAUVENET; DESPRET; LEMARIE, 1996, p. 159, tradução nossa)⁸

A autora nos alerta para uma possibilidade de atuação que também se movimente, que se desloque no fluxo dos acontecimentos e dos possíveis, arejando os enquadres mais clássicos de uma prática clínica em psicologia. Assim, acompanhamos relatos, narrativas dessas pessoas em situação de refúgio para que elas possam identificar e significar as próprias questões, deslocando o movimento do sofrimento para a descrição viva do fenômeno.

Consideramos também que os recursos que a abordagem gestáltica nos oferece ao enfatizar tanto o *sentir* quanto os *sentidos* (PERLS, 1981; 1997), favorecem a livre expressão através da valorização da sensorialidade e da força do encontro. A história aqui pode transcender a palavra e permitir que o processo de acompanhamento psicoterápico se constitua no que Juliana nomeia como sendo “arte de restaurar histórias” (1999).

Compartilhando a mesma preocupação de Ferreira (2015), nossa intenção não é a de estabelecer uma clínica específica para a migração e o refúgio, muito menos criar um especia-

⁶ No original: *Thérapie des espaces blancs*.

⁷ Interventores, aqui, refere-se aos profissionais que estavam no campo para intervir a partir de um programa psicossocial internacional que atuou no campo de refugiados de guerra oriundos da antiga Iugoslávia

⁸ No original: *Lés espaces blancs sont également des espaces au sein desquels ont pu s'exprimer deux mouvements de résistance: la résistance des familles à la thérapie traditionnelle, mais également, la résistance des intervenants au cadre thérapeutique*. (CHAUVENET; DESPRET; LEMARIE, 1996, p. 159).

lismo. Nosso interesse é aprofundar o conhecimento e reconhecer especificidades, limites e possibilidades desse campo para que nossa atuação possa ir na direção da realidade que a nós se apresenta, em consonância com a perspectiva integradora da abordagem gestáltica. Ao adentrarmos essa seara estamos diante do novo, daquilo que nos permeia, mas que pertence à experiência alheia. De certa forma, a nossa prática clínica permanece em feitura, se constrói com o outro e não sobre ele (QUADROS; MORAES, 2016). E é a partir dessa realidade que nossa atuação cria um corpo próprio, um fazer situado (HARAWAY, 1995), uma prática que inspira a teoria (MOL, 2008).

Nesse sentido, nossa ênfase é numa prática de cuidado e no que chamados de uma clínica do possível e das possibilidades. No contexto que vivenciamos em nosso projeto, os acompanhamentos psicoterápicos que realizamos, bem como os acolhimentos e oficinas expressivas, demandaram adaptações em diversas circunstâncias, promovendo deslocamentos de enquadres e modos de intervir da clínica, tendo a pessoa atendida como guia do processo, sem perder de vista a relação terapêutica ali estabelecida. Nossa clínica se fez no possível, no miúdo do cotidiano, desconstruindo (inclusive para nós) a premissa de que é o grande trauma que define a busca pela psicoterapia na circunstância do refúgio:

Se, enquanto psicólogos, especialmente enquanto gestalt terapeutas, nos rendermos à busca pelo extraordinário de forma polarizada, desconsiderando o ordinário, o dia a dia, os pequenos acontecimentos, nos afastaremos de um cuidado cotidiano, artesanal, feito momento a momento, de um cuidado como política fundamental para nossa prática. A lógica do cuidado (Mol, 2008b) é marcada por um olhar sensível e singular, e não por técnicas massificadas. Eis aí o desafio, eis aí a ênfase que imprimimos em nossas práticas gestálticas: privilegiar a vida vivida e não simplesmente teorizada. Cuidar é, pois, uma ação delicada, um recurso construído com o outro que está diante de nós, uma política de relação, levando-se em conta o cotidiano, o que está a nossa volta e o que nos afeta. (QUADROS; PRESTRELO, 2019, p. 874-875).

O campo de atuação com pessoas em situação de refúgio nos convocou a novos arranjos e enquadres em nossa prática clínica que, mesmo estando apoiada na abordagem gestáltica, marcada por um olhar relacional, afetivo e integrador, gerou peculiaridades que também trouxeram movimento, ou melhor dizendo, deslocamentos que discutiremos a seguir.

3 DESLOCAMENTOS DA CLÍNICA: (RE)INVENTANDO FORMAS

Como já dito, as circunstâncias de nosso campo de incursão – o refúgio – trouxeram algumas peculiaridades para o nosso trabalho, nos levando a criar formas que pudessem manter o melhor cuidado nas condições que nos foram apresentadas. Em seu levantamento acerca

do tema “saúde mental e migração”, Antunes (2017) destaca que, quando a pessoa já está no país que a acolheu, as maiores preocupações que impactam na sua saúde mental são a incerteza da regularização de sua situação, o desemprego, o afastamento de sua rede de suporte e de sua família, bem como a preocupação com ela, dificuldades com a língua, a aculturação e a nova realidade social.

Tais questões são, de fato, prioritárias, inclusive nas instituições que apoiam pessoas em situação de refúgio como a nossa parceira, a Cáritas. Na realidade brasileira, muitas vezes, a possibilidade de um apoio psicológico não é ofertada tanto em função das urgências materiais a serem resolvidas, quanto pela precariedade desse serviço para a população em geral. É claro que na condição de refúgio, cuidar das necessidades materiais é uma questão premente e real, embora tais situações deflagrem um sofrimento subjetivo, não palpável, não mensurável e muitas vezes indizível. Porém, ressaltamos que pela nossa experiência esse sofrimento não é exclusivamente constituído pela situação de refúgio. Situações inacabadas, memórias e afetos antigos, temores existenciais, crises matrimoniais, são questões que emergem no cotidiano desses atendimentos. Porém, assim como as pessoas que acolhemos, nossa clínica também se movimentou, como discorreremos em tópicos a seguir.

3.1 Acesso e cuidado: espaço, tempo e comunicação

A UERJ, universidade na qual atuamos, mantém outros projetos com pessoas em situação de refúgio e um deles é um curso regular de português. Pelas dificuldades econômicas e sociais que não permitiam a vinda regular a UERJ, o curso de português acabou tornando-se ponte para nossa comunicação com elas. Não raro era marcarmos nossos acompanhamentos em dias e horários que coincidissem com os dias das aulas, para aproveitar o transporte pago pela Cáritas para que eles frequentassem o curso de português. Importante pontuar que essa organização não vem por acaso. A equipe se mobilizou a cada semestre para estar disponível nos horários próximos aos horários dos cursos de português numa aposta de cuidado que considera o contexto de vida dessas pessoas e suas possibilidades e limites de ir e vir.

Seguindo a mesma linha de cuidado, a equipe entende as dificuldades idiomáticas encontradas pelos refugiados e se esforçou em direcionar os clientes para os estagiários de acordo com afinidade com um idioma. Nesse sentido, compõem a equipe falantes de espanhol, francês e inglês, fluentes ou não. Os conhecimentos em outros idiomas para além do português servem de apoio ao atendimento, proporcionando um pouco mais de fluidez à comunicação verbal nos atendimentos.

Assim temos o curso de português, os conhecimentos em línguas estrangeiras, a Cáritas e o SPA do IP/UERJ como atores importantes e aliados nessa estratégia de atendimento aos refugiados, agenciamentos entre humanos e não humanos (LATOUR, 2008) para uma prática de cuidado.

3.2 Além da dualidade: articulações para o cuidado

Apesar de constituirmos uma equipe multilíngue, nem todos os estagiários de fato falavam outra língua além do português ou tinham fluência plena na língua estrangeira. Em contraponto, muitas pessoas em situação de refúgio atendidas por nós estavam aprendendo português. Portanto, como mais um deslocamento da prática, formávamos duplas de estagiários, um mais fluente, outro não, para realizar o atendimento. Essa modalidade era discutida junto com a pessoa atendida. Nenhuma pessoa recusou essa oferta e isso viabilizou tanto os atendimentos, quanto enriqueceu a formação do graduando em psicologia.

Tradicionalmente, a prática clínica individual se faz no modelo dual, independente da abordagem. A ideia do segredo, a aproximação com o modo confessional é, segundo Despret (2011), uma das constituições da clínica como se ela não compusesse com o mundo as verdades do sofrimento. Ao experimentarmos uma outra forma, acolhemos também nossos estagiários que estavam iniciando uma incursão num campo completamente novo, sem disciplina formadora no curso e com escassa literatura.

Ressaltamos que todos os cuidados éticos foram tomados e muitos aprendizados recolhidos. A pessoa em atendimento percebia essa forma como cuidado, como interesse e preocupação com a qualidade do processo. Além disso, essa forma criava uma certa integração de línguas onde o português aparecia também como possibilidade no horizonte daquele que estava vivenciando um novo país.

Outra situação que enfrentamos foi a presença das crianças nos atendimentos. Muitas mulheres sem rede de suporte no país, vinham para os atendimentos com seus filhos. Construímos com a equipe estratégias que nos ajudassem a preservar este momento e, não raro, outra estagiária acolhia as crianças utilizando recursos lúdicos enquanto a mãe era atendida em psicoterapia. Assim, formamos uma pequena rede de suporte que tornava o cuidado possível, desconstruindo a ideia de individualidade e de impossibilidade.

Essa pode parecer uma atitude simples – e de fato o é – mas fez toda diferença, inclusive para a formação do vínculo e confiança no processo. Foi também um desafio para a equi-

pe, formada majoritariamente por mulheres. que reconheciam o quão solitário é essa busca pelo cuidado quando se vive sem tréguas o papel de cuidadora.

3.3 Ir aonde o outro está: a clínica também se movimenta

A partir das dificuldades de muitos irem até nós na universidade, criamos outros dispositivos de cuidado desdobrados em oficinas livres, com recursos expressivos e que aconteceram tanto nas dependências físicas da Cáritas, quanto na casa de acolhimento a mulheres e crianças mantidas pela mesma entidade.

Essas oficinas por utilizarem outras formas de expressão, eram muito integradoras pois, de certa forma, diluía-se a barreira da língua. A partir de material artístico, de histórias, músicas, desenhos, pinturas de artistas conhecidos, objetos etc., diálogos multiculturais entravam em cena e as pessoas compartilhavam desde a perda de seu animal de estimação, até a implicância do vizinho com o barulho das crianças.

No ato de compartilhar pequenos acontecimentos (QUADROS, 2014), potências eram acionadas, talentos eram revelados, sentimentos eram acolhidos fazendo o cuidado circular e ser distribuído em rede (MOL, 2008). Tais ações eram também compartilhadas e discutidas em supervisão encontrando nossas emoções e nossos esforços para o novo sendo configurados em intervenção que consideramos, num olhar gestáltico, ajustamentos criativos de nossas práticas.

3.4 O desafio dentro do desafio: o acolher na pandemia

No ano de 2020, a pandemia do COVID-19 trouxe novos desafios. Se em condições usuais o sofrimento instaura tensões, numa realidade pandêmica isso se intensifica ainda mais. Na impossibilidade imediata de retomarmos os atendimentos regulares, e na demanda que nos chegava de ansiedade entre as pessoas em situação de refúgio, nesta nova configuração, elaboramos um vídeo de exercícios de respiração que pudessem oferecer um mínimo de suporte para enfrentar este momento. O vídeo, por mais simples que fosse, não foi fácil de produzir. Exigiu estudo da condução da respiração, um esforço de imaginar como aquelas palavras seriam recebidas e se seriam compreendidas, cada detalhe importa, pois é assim que produzimos cuidado. Realizar uma atividade à distância quando a nossa aposta é no vínculo e no cuidado que se dá em relação foi um desafio.

Não nos interessou simplesmente fazer um vídeo com orientações mecanizadas. Fomos compelidos a ampliar nossa compreensão de relação para além do plano físico e assim produzir uma atividade orgânica e sustentada na lógica do cuidado. Em tempos de pandemia sabe-se que um dos maiores agentes ansiolíticos é a sensação de falta de controle. Nesse sentido vimos a importância de pensarmos uma atividade sustentada que produzisse um momento de autocontrole e bem-estar, condizente com a realidade enfrentada. Todo vídeo foi narrado em espanhol – língua da população majoritariamente acolhida – num esforço coletivo para a produção do melhor cuidado possível num momento desafiador também para nós.

Posteriormente, voltamos aos atendimentos, agora de forma remota, enfrentando novas dificuldades como qualidade de internet, condições para realização dos atendimentos etc. Tem sido o novo dentro do novo. Pretendemos, em outra oportunidade discorrer com mais detalhes acerca desse momento, mas não quisemos deixar de mencioná-lo por ele representar mais um deslocamento que se fez necessário. Essa é uma prática em feitura, e não esgotamos todas as possibilidades, mas certamente vivemos muitas novidades nesse processo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma abordagem gestáltica aliada a Teoria Ator-rede, e a lógica do cuidado de Annemarie Mol (2008), acompanhamos e estudamos as possibilidades e impossibilidades que os migrantes e refugiados experimentam no cotidiano. Os atendimentos clínicos que fazemos seguem o princípio de ir ao encontro do outro, mas, mesmo com o novo contexto mundial pandêmico, mantivemos esse princípio no formato online, preservando-se a vida de todo/as. Utilizamos também recursos audiovisuais.

No dia a dia desse projeto vivemos uma constante experiência de reconfiguração da prática clínica. Durante esses anos de projeto, acolhemos de modo regular cerca de 40 pessoas, e nas oficinas mensais mais de 50 mulheres. Pudemos constatar a força de um acolhimento e estes espaços foram ricos em trocas e construção de vínculos. Nosso campo de atuação é atravessado por diversos atores, humanos e não humanos, que compõem nossas ações. São eles: os diferentes idiomas; nossa parceria com o PARES caritas; o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA/UERJ); A pandemia; A internet; Os dispositivos tecnológicos nossos e de nossos interlocutores. A partir da disponibilidade para o cuidado conseguimos desempenhar um trabalho sensível e acolhedor com todas essas distintas desafiadoras, gerando conhecimento nesse campo ainda em construção.

Como também nos apontam Borges, Jibrin e Barros (2015), o objetivo nosso não é criar uma clínica específica, mas, ao contrário integrar processos, ampliar o alcance da psicologia e fazer da diferença uma possibilidade.

Apostamos em uma postura crítica e implicada no enfrentamento do fenômeno da migração, considerando a experiência de sofrimento psíquico, mas não somente. É importante marcar que essa experiência de sofrimento não define o sujeito. Encontra-se muito, na literatura a perspectiva do sofrimento como um lugar unicamente de vulnerabilidade e passividade. O sofrimento dessa população é real no sentido mais bruto da palavra, e a nossa proposta é olhar para essa vulnerabilidade levando em consideração que essa pessoa diante de nós é criadora de sentidos e de vida. Nós apostamos no vínculo e nas potencialidades, proporcionando espaço para que emerjam os arranjos possíveis criados por essas pessoas a fim de lidar com as perdas inerentes a esse processo é também a possibilidade de vida. Acolhemos vidas em movimento e essa condição se concretizou em nossas práticas, produzindo modos de intervir, outros territórios, desacomodando a clínica e (re)criando fazeres, deslocando nosso intervir, nosso saber, nosso fazer. Disponibilidade, interesse e responsabilidade foram também fundamentais nesse processo de construção do conhecimento que se fez coletivamente.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. *O perigo de uma única história*. Vídeo publicado no YouTube em 19/5/2012. 19,16 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>. Acesso em: 17 jul. 2017.

AMATUZZI, M. M. *Por uma psicologia mais humana*. Campinas: Editora Alínea, 2001.

ANTUNES, J. A. P. Refugiados e saúde mental: acolher, compreender e tratar. *Psicologia, saúde e doenças*, v. 18, n. 1, p. 115-130, 2017.

BORGES, L. M.; JIBRIN, M.; BARROS, A. F. O. Clínica intercultural: a escuta da diferença. *Contextos clínicos*, v. 8, n. 2, p.186- 192, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822015000200008. Acesso em: 19 fev. 2021.

CHAUVENET, A.; DESPRET, V.; LEMARIE, J-M. *Clinique de la reconstruction*. Paris: L'Harmattan, 1996.

DESPRET, V. Leitura Etnopsicológica do Segredo. *Fractal – Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 5-28, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/PrCzqTS6tPt4W6Fjbw8Zqzq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2021.

D'OCO, L. V. M.; DIAS, M. T. G. Direitos Humanos, migração e refúgio: Temas pertinentes para a profissão de Serviço Social. *Emancipação*, Ponta Grossa, v. 16, n. 1, p. 23-44, 2016. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/8911>. Acesso em: 20 out. 2021.

FERREIRA, A. P. Migração, rupturas psíquicas e espaços terapêuticos. *Revista de Psicologia*, USP, v. 26, n. 3, p. 193-198, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/102388>. Acesso em: 23 jun. 2021.

GALEANO, E. *Es tiempo de vivir sin miedo*. Vídeo publicado em 13 de julho de 2012 no YouTube. 9,02 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gujK5WEVG8g>. Acesso em: 15 nov. 2014.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, n. 1, p. 7-41, 1995.

JULIANO, J. C. *A arte de restaurar histórias*. São Paulo: Summus, 1999.

LATOUR, B. *Reensamblar lo Social: una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LUSSI, C. Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio. *Revista de Psicologia*, USP, v. 26, n. 2, p. 133-144, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/102377>. Acesso em: 05 jul. 2021.

MOL, A. *The logical of care: Health and the problem of patient choice*. London: Routledge, 2008.

MORAES, M. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. (orgs.). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010. p. 26-51.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais de e para o Brasil Contemporâneo: Volumes, fluxos, significados e política. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/CzHCXvFvRzrh6nQ899xvzqK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2020.

PERLS, F. *A abordagem gestáltica e a testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-Terapia*. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1997.

PRESTRELO, E. T.; ARAUJO, E. S.; MORAES, M.; MARQUES, L. “Ouvir é como a chuva” – o apoio psicológico como parte da formação em psicologia. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João Del-Rei, v. 1, n. 11, p. 86-99, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100008. Acesso em: 01 jan. 2021.

PRESTRELO, E.; QUADROS, L. Abordagem gestáltica: um resgate da dimensão sensível do humano. *Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia*, UERJ, n. 1, p. 10-15, 2009.

QUADROS, L. C. T. O cotidiano de uma Gestalt-terapeuta: a clínica dos pequenos acontecimentos. In: Prestrelo, E. T.; L. C. T. Quadros (Orgs.). *O tempo e a Escuta da Vida: configurações gestálticas e práticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014. p. 37-50.

QUADROS, L. C. T.; MORAES, M. O. Polifonia de uma experiência no ESOCITE. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rei, v. 11, n. 1, p. 4-7, 2016.

QUADROS, L. C. T.; PRESTRELO, E. T. Nas trilhas do cuidado: A afirmação da dimensão sensível da experiência na abordagem gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 4, p. 864-879, 2019. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000400002.
Acesso em: 15 out. 2021.